

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Quarta temporada Episódio #24: "O parto como travessia"

Transcrição do episódio: Camila Anselmo e Sabrina Neves Revisão da transcrição: Camila Anselmo e Soraya Fleischer

Roteiro

LEGENDA

Blocos

Sonoplastia

Vinheta de abertura: "Já foi", de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

BLOCO 1: Um Jardim, uma rua, uma praça e muitos encontros

[Contexto sonoro: passos, sino de bicicleta, conversas ao fundo]

Soraya: Ooi! Como vai você?

Irene: Oi, Olivia, eu quero ganhar um abraço também gostoso. Olha o que a gente tem aqui. A gente trouxe pra gravar os sons e as nossas vozes pra gente poder conversar.

Soraya: Olha, Olivia, eu vou te apresentar as minhas amigas. Oh Sabrina, e essa aqui é a Fernanda.

Fernanda: Tudo bem Olivia?

Soraya: Você quer mostrar sua escola para a gente?

Olivia: Uhum.

Soraya: Então, bora!

Irene: Eba! [passos e conversas ao fundo]

Irene: Conta que que é essa plantinha?

Olivia: É urucum.

Irene: Que legal!

Olivia: E dá pra pintar.

Irene: Você já se pintou de urucum?

Olivia: Uhum.

Irene: Que legal, Olívia. Que que cê gosta mais? Mostra pra gente esse Jardim bonito.

Olivia: Tem essa árvore aqui, dá para escalar. Aqui um pé de acelola.

Soraya: Hã.

Olivia: E também tem aquele balanço daí.

Soraya: Que legal, que escola bonita que você tem. Aqui que você conheceu a Sarah?

Olivia: É.

Soraya: Foi?

Olivia: A Sarah, minha amiga menor.

Irene: E aquelas?

Olivia: São as galinhas gangolas.

Soraya: Me mostra.

Soraya: Tudo certo, podemos ir?

Olivia: Uhum. Eu que tô guiando, eu que tô guiando.

Soraya: Que que você falou, Oli?

Olivia: Eu que tô guiando. [risos; sons da rua]

Soraya: Tá pertinho né, Oli?

Olivia: Tá.

Soraya: A casa da Olivia é essa?

Olivia: Hm-hm.

Soraya: A casa da Olivia é essa?

Olivia: Ahm-ahm.

Fernanda: Qual é a cor da sua casa? [passos]

Olivia: É essa, que tem balanço.

Irene: Que casinha gostosa, que fresquinha a sua casa, Olivia.

Olivia: É na sombla.

Irene: Uhum.

Soraya: E onde é a praça?

Olivia: A praça?

Soraya: Hum-hum. [passos]

Olivia: Aqui. [passos nas folhas]

Soraya: Me mostra sua casa, que eu nunca vim na sua casa, Oli. [Olivia correndo e

gritando]

Olivia: Você pode chamar elas, elas ali pra conhecer meu quarto?

Irene: Tá bom.

Soraya: Então, você ouviu várias integrantes da equipe do Mundaréu. A Irene do Planalto, a Fernanda Mariath, a Sabrina Neves e eu conversamos com a pequena Olivia. A Olivia é filha da Débora Allebrandt. A Olivia tem hoje 4 anos e mora nessa rua de Maceió. A Rosiane Tavares também tem uma filha, a Sarah, de 7 anos. E elas também moravam nessa rua há uns anos atrás. Naquele tempo, a rua, a praça e a escola foram os lugares que as duas mães e suas crianças se conheceram e passaram a conviver. Neste

episódio, elas todas vão conversar com a gente.

Rosiane: Mas eu lembro de uma conversa ali no final da rua onde fica aquele - na pracinha da rua das crianças.

Daniela: Essa é a Rosiane.

Sara: Esse não é o final da rua.

Daniela: E essa é a Sara. E agora a gente ouve uma conversa que elas tiveram online, na gravação desse episódio. Relembrando como era estar ali em Maceió, naquela rua que a gente acabou de conhecer, naquela praça...

Rosiane: Não é o final da rua, né? É, o final da rua. Na pracinha da rua. Ehh, Sara tava lembrando aqui "não mas a pracinha não é o final da rua".

Débora: Acho que é, Sara.

Sara: Tava pensando o contrário.

Rosiane: Como se a pracinha fosse o começo, né? Talvez, pode ser também o começo da rua, ser a pracinha.

Sara: Mas a porta de entrada tem que ser o começo.

Rosiane: A porta de entrada, pode ser.

Débora: Então, querida, eu nem sei se você vai lembrar [risos], mas elas me perguntaram, como é que eu, como é que eu te conheci. E eu expliquei um pouco também já pras meninas, não é que a gente tem, tem relações familiares, né? Pessoais que se cruzam, né? Das crianças estudarem na mesma escola, da gente ter morado na mesma rua, ter vários amigos em comum.

Rosiane: As nossas filhas estarem estudando lá. De já tá assim vivendo a comunidade do Jardim antes disso. É desse assim o primeiro lugar que eu lembro dela. E ela ali né? Entre amigos queridos. E de repente ela brota na rua das crianças também. Mas foi ali, foi no jardim, foi daquela forma assim tranquila e serena que ela tem e a gente foi se conhecendo.

Débora: Como é que a gente começou a conversar sobre e por que que eu acho importante a atuação das doulas pra nossa pesquisa. E aí eu não sei se você vai lembrar, mas quando teve um bazar lá no Jardim, que foi logo depois da tua aprovação no concurso das doulas do SUS, e eu fui atrás de ti pra saber como é que tava sendo a experiência.

Rosiane: Eu acho que a gente conversou algumas vezes sobre o parto das meninas, né Débora?

Débora: Sim.

Rosiane: Débora também teve um acompanhamento pra o parto né? E acho que a gente trocou sobre isso. Trocou com outras pessoas ali da rua. E eu lembro da gente conversando ali, é Débora falando sobre a experiência dela e eu falando sobre a minha experiência.

Débora: É, eu acho que várias vezes assim Rose contava um pouco dessa rotina do trabalho, né.

Rosiane: É...

Débora: A gente convivendo um pouco mais na rua das crianças, ela vinha de plantão, às vezes tava exausta, né? Que plantão é uma coisa muito desgastante, né? Acho tanto física, como emocionalmente. E aí eu lembro as vezes dela vindo, que ela morava mais pro início da rua, eu morava mais pro final, assim, tipo, tinha tomado um banho, tinha acabado de chegar do plantão, sabe? Aí ia brincar um pouco com a Sara, e aí às vezes conversava um pouco sobre o que tinha sido o plantão, e ia depois dormir, né? Descansar, o merecido sono dos justos, né?

Rosiane: É, acho bem bem naquele final de tardezinha, né? Seis, sete horas da noite. Naquela saidinha ali antes das crianças dormirem.

[Transição musical]

Daniela: Rosiane é doula e presidente da ADOAL, Associação de Doulas de Alagoas. Débora é antropóloga e trabalha na Universidade Federal de Alagoas. Juntas, elas têm feito pesquisa sobre como tem sido parir ali na região de Maceió, em Alagoas.

Soraya: Nesta temporada do Mundaréu, estamos discutindo como a Antropologia encontra e dialoga (e até mesmo provoca!) várias outras ciências e como o feminismo pode pautar de modo muito interessante o fabrico destas ciências.

Daniela: E neste episódio vamos pensar sobre as ciências da saúde, como a Enfermagem, a Administração Hospitalar, a Medicina e, mais especificamente, a Obstetrícia. Dessa vez, parte da gravação foi feita de modo remoto porque, no mês de agosto, a Débora tava em Brasília, trabalhando com a Soraya, e Rosiane tinha mudado para o interior de Pernambuco. Mas depois, em outubro, todas nós fomos até Maceió para gravar também. Camila Anselmo, Irene do Planalto e Sabrina Neves, da UnB, acompanharam todas essas gravações.

Soraya: E a Fernanda Mariath, do Mundaréu da Unicamp, acompanhou a gravação em Maceió. Eu sou a Soraya Fleischer, antropóloga da UnB, e nesta temporada vocês vão ouvir o quarto episódio, "O parto como travessia".

Daniela: E eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp. E o Mundaréu já começou.

[Transição musical: alegre]

Bloco 2: Experiências de parto

Soraya: Então, tá. Eu queria chamar atenção para as duas crianças que conhecemos neste primeiro bloco do episódio. A Olivia e a Sara parecem ter influenciado – e muito! – o fato de a Débora e a Rosiane terem se conhecido e, ainda mais, terem mergulhado no debate sobre como as mulheres têm parido no Brasil. De modo muito interessante, a Olivia ajudou **antes** da gravidez e do parto da Débora. E a Sara ajudou **depois** da gravidez e do parto da Rosiane.

Débora: Então, no cenário de parto e nascimento, foi a minha experiência como mãe, né? E a minha experiência inclusive antes de ser mãe já construindo esse desejo de filhos. Então quando eu comecei a minha trajetória, eu tava falando duma jovem mulher que não queria ter filhos ainda, que não tava no horizonte. Aí quando eu chego nesse tema, já é quando eu estou começando a me aproximar do do desejo de filiação, do desejo de ter filhos e vendo minhas amigas, minhas colegas parindo num cenário hostil, né? Então eu tive uma experiência especificamente, né, de violência obstétrica, né? En mas eu já entrei nesse cenário, antes de imaginar que experiência eu ia ter, muito armada pra enfrentar esse cenário hostil, né? Então, a minha experiência pessoal de, de desejo de ter um parto respeitoso quando eu engravidei da minha filha en eu tenho impressão que ela sempre foi, quase militarizada por essas narrativas né? A gente não gosta da militarização, mas a gente realmente se arma pra enfrentar, né? É um cenário tão hostil que você não pode ir desarmada, você tem que ir realmente, né? Vestida com as armas que cê tem, né?

Rosiane: Eh, a doulagem chegou na minha vida depois do parto de Sara, assim. Como eu estudei pro parto dela né? Pra poder buscar não sofrer violência e que ela não sofresse violência, e a gente precisa estudar muito no Brasil, né. E aí, apesar de não ter tido uma doula, eu conhecia muita coisa, mas depois que eu fui vendo que é um universo gigantesco, quando eu fui trabalhar no universo da humanização do parto, eu vi que é um universo gigantesco, né? E aí, na época, eu ainda não conhecia tão fortemente o trabalho da doula, isso era 2015, né? Sara nasceu em novembro de 2015. E, depois de ter passado pela travessia que foi o meu parto, eu já tava repensando tudo né? Foi uma transformação interna também muito grande. E aí fez todo o sentido o curso de doula pra mim. E aí terminei o curso de doula e já tava engatilhada com uma amiga que tava perto de parir, que me procurou porque eu tive um parto em casa e ela já foi a minha primeira doulanda. Então foi acabando o curso numa semana, e na outra semana já tava no parto dela. Que foi um parto domiciliar também. E daí pra frente fui cada vez mais.

Débora: Então, eu acho que é daí mais ou menos né? Dessa reflexão que envolve justamente maternidade, parto, entender direitos sexuais e reprodutivos como parte desse ciclo gravídico puerperal. Que vai nos levar a pensar sobre violência obstétrica, racismo obstétrico e o atendimento que as mulheres recebem no serviço de saúde, especialmente no serviço público.

Rosiane: Eu lembro de mulheres que receberam gritos... Eu lembro de um médico homem que fazia toques horrorosos... Eu já presenciei mulheres sendo muito violentas com outras mulheres. Muito violentas na fala, no traquejo... Eu já vi médicas, mulheres gritando, muito forte com outras mulheres e me doeu muito, foi muito triste... Então, ali eu também presenciei muita coisa assim, principalmente, em termos de privacidade zero com as mulheres assim, sabe? De cuidado com a privacidade delas, zero, sabe? E de um certo desdém, sabe?... Eu lembro de sair chorando de alguns atendimentos, eu lembro de não conseguir terminar alguns partos. Eu lembro de perceber que tinha uma hora que, "Agora, eu preciso sair desse parto porque eu preciso respirar. Eu quero muito tá aqui, ser apoio pra essa mulher, mas eu não tô dando conta. Nem eu tô dando conta. Eu preciso sair, eu preciso respirar pra voltar, pra poder ser apoio pra ela"...

BLOCO 3: Doulas no SUS, doulas na Antropologia

Daniela: Bom, em 2015, a Rosiane foi se capacitar como doula. Depois, em 2019, foi construído o Hospital da Mulher em Maceió. E, no mesmo ano, percebendo esse novo hospital como uma oportunidade, as doulas da ADOAL foram conversar com o governo do Estado de Alagoas. Elas foram negociar a presença das doulas lá dentro, não como voluntárias, que é a forma mais comum ao redor do país, mas como profissionais de saúde mesmo, concursadas, contratadas e remuneradas. Junto com a Secretaria de Saúde do Estado, a ADOAL organizou um concurso público, no qual 28 doulas se inscreveram. 6 dessas doulas foram aprovadas. E uma delas foi a Rosiane, então, ela foi trabalhar como doula dentro do Hospital da Mulher de Maceió. E a gente pediu para ela descrever o caminho que uma gestante percorre ao chegar nesse hospital.

[Ambientação sonora: sons de um hospital em Maceió]

Rosiane: Tá bom, vamo lá. O Hospital da Mulher, ele é um prédio lindo, de muitos andares, muito espaçoso, é muito bonito a noite, brilhante assim. A gente entrava, ele tem uma porta, uma porta de entrada muito bonita de vidro, um hall assim maravilhoso, uma sala de estar assim, na recepção, maravilhosa que qualquer hospital particular ficaria querendo ter. A gente, vamos pensar ali, né? Entrando pela recepção, entrava um pouco à esquerda, no térreo a gente tinha muitas salas de atendimento ginecológico, sala de assistência social, sala de psicologia, de alguns atendimentos que precisavam ficar ali no térreo, ultrassonografia, clínico geral. A gente tinha a sala lilás, né? De prevenção a violência contra a mulher e atendimento à população LGBTQIA+. E tinha dois elevadores, colocava lá sexto andar, que era o CPN: Centro de Parto Normal e subia pro sexto andar. E a gente entrava naquele corredor largo do CPN, a gente tinha uma sala de deambulação à esquerda, onde a gente tinha bolas, cadeiras reclináveis, espaldar nas paredes, dois banheiros grandes, muito bons. E continuando, chegávamos de fato ao CPN, ao postinho de enfermagem, que assim se chamava, onde ficavam os profissionais e os materiais pra ser utilizados. E a gente tinha seis salas de parto, seis PPPs. "PPPs", porque ali acontecia o pré-parto, o parto e o pós-parto imediato. Então esse trabalho de parto que as mulheres, elas subiam pro CPN depois de seis centímetros de dilatação, né? Já na fase ativa do parto. Então, elas viviam essa fase ativa do parto lá. O parto, o nascimento em si e o pós-parto imediato, as duas primeiras horas pós-parto. Cada PPP tinha uma cama, aquelas camas hospitalares que você consegue com o controlezinho mexer nelas, né, pra que elas subam e desçam, enfim. E a gente podia subir pra ficar mais confortável pra mulher, se ela quisesse ficar de quatro apoios, na posição que ela quisesse ficar na cama...

Daniela: A gente perguntou para ela como que é um dia típico de trabalho como doula nesse hospital. Logo depois que ela foi contratada foi 2019, né, 2020, estourou a pandemia, né? Então, teve um contexto específico aí que aconteceu na sequência.

Rosiane: Um dia típico de trabalho. Aí, é emocionante assim. Ao mesmo tempo que bem cansativo porque plantões são bem exaustivos, né. São doze horas seguidas. E durante a pandemia, o atendimento das doulas não parou durante a pandemia, né? No Brasil inteiro parou. Vários hospitais proibiram as doulas de entrarem, né? Foi muito importante, tenho certeza que foi muito importante, nós, essas seis doulas atuando durante a pandemia pra mulheres no SUS. A gente atuava no baixo risco mais, e também assim, eh a gente não recebia suspeitas de covid, não aquelas suspeitas comprovadas, né? Mas a gente sabia que todo mundo poderia tá potencialmente com covid. Então, muitas vezes, assim, chegava uma paciente com sintomas gripais mas já chegava parindo. Tinha que parir. Tinha que entrar, né? Então, era assim todo mundo se paramentar e atender. E o quanto que eu me emociono de lembrar assim o quanto que a gente não perdeu afetividade, o quanto que a gente não perdeu em humanização, o quanto que a gente não perdeu em contato até, sabe? De muito, muitas vezes acontecer, de uma mulher que tava em isolamento por conta do Covid, os profissionais ficam apavorados, né? De entrar ali, aí quem vai entrar? Tá, vai escolher ali o mínimo de equipe pra entrar. Tá, porque se a gente fosse pro isolamento, a gente tinha que ficar lá até o final daquele parto. A gente entrou, a gente não saía mais pra não ficar fazendo essa troca, né, que podia ser contaminante, né. Era uma sensação de abandono muito grande. E o parto já é uma sensação de passar sozinha por muita coisa, né? E era assim muito gratificante poder vivenciar isso, sabe, de chegar às sete horas da manhã no plantão de eu ter ficado de sete horas da noite até sete horas da manhã com aquela mulher e eu ia dizer pra ela, "Olha, tem outra doula que vai chegar e vai continuar com você". Isso é maravilhoso.

[Transição musical: tranquila]

Soraya: Eu perguntei pra Débora por que ter doulas no SUS interessa como um tema pra antropologia?

Débora: Bom, eu acho que o que mais me inspira em pensar o modelo de cuidado das doulas é uma reflexão de uma pesquisadora dos estudos sociais da ciência, que a gente tem lido bastante, mais recentemente, que é a Ruha Benjamin, e ela fala sobre o quanto a gente está vulnerável e a gente é vulnerável, ser/estar vulnerável é parte da condição humana, né? Especialmente no contexto de parto né? Essa vulnerabilidade, ela é algo que a gente precisa aceitar, mas o que que a gente precisa pra mudar esse modelo de cuidado pra que a gente possa ser e estar vulnerável mas não estar exposta a essas violências, a essas rotinas, a essas práticas, né? Então ela aposta muito e eu aposto muito com ela também, conhecendo o trabalho da ADOAL e de doulas como a Rosiane, né? No quanto esse modelo de cuidado e atenção integral das doulas, ele promove saúde, promove saúde física, mental, emocional, né? E eu acho que é isso que nos falta nessa lógica da saúde como indústria, né, da saúde como um grande comércio.

Rosiane: Acho que o trabalho da doula, ele é um trabalho que ele é muito, ele é muito uma força de mulheres, sabe? Porque ao mesmo tempo que você está ali apoiando as mulheres que são as suas doulandas, você tá talvez eu acho que, eu nunca vivi em outra profissão uma rede de apoio tão grande quanto é, as outras doulas, as profissionais doulas, o quanto que a gente se ajuda, o quanto que a gente tá uma na vida da outra, o quanto que a gente tá se fortalecendo. É um encontro de mulheres assim muito forte, muito profundo, muito significativo.

Débora: E essa integração, essa atenção que a gente quer que as mulheres tenham em todo o parto, né. Acho que o que é muito marcante dessa experiência e de todos os pontos positivos que tu consegue destacar, né Rose? Mesmo durante a covid, esse fato da gente ter uma doula pra esse plantão, né? O quanto ele já melhora esse sentimento de cuidado, essa percepção do cuidado, né? E o que que é a saúde se não é cuidado? Então eu acho que é por isso que esse modelo da atenção e do cuidado das doulas, ele é uma inspiração pra gente pensar e transformar a saúde como um todo, e quiçá outras esferas da nossa vida, né, que estão tão fragmentadas, tão separadas em caixinhas, né, essa ultra especialização, especialmente, na saúde, né?

Rosiane: Cada parto era um aprendizado, cada parto era eu me transformando junto com aquela mulher, né? E aprendendo um pouco mais sobre o que era ser doula e aprendendo um pouco mais sobre o que era servir outra mulher, né? De cada vez mais. E adentrando num processo de autoconhecimento também, né? Pra pra poder cuidar dessas mulheres, então tem uma tem uma entrega emocional muito forte da doula, que pede da gente ta na terapia, que pede da gente estar buscando estar se melhorando o tempo inteiro, que pede da gente estar se atualizando tanto sobre obstetrícia, quanto sobre feminismo, quanto sobre política, políticas pra mulheres, Então, foi um amadurecimento e sempre ao lado dessas mulheres né, essas mulheres todas amadurecendo juntas lá em Maceió.

Soraya: E também perguntei para a Rosiane como é que ela vê a profissão da doula hoje?

Rosiane: Hoje eu tenho a dimensão do que é ser doula e do que é viver isso com essas mulheres, né? Dessa troca tão profunda, que talvez seja muito difícil se ter outras profissões. E ao mesmo tempo do mato que tava ali na frente, que a gente tinha que desbravar e sair abrindo o matagal pra que essa profissão fosse cada vez mais conhecida, fosse cada vez mais reconhecida como profissão, né? Porque é muito comum até no meio da humanização a doula ser vista como a "café-com-leite", né? Da história, no sentido de todo mundo diz o que a doula vai fazer, e aí começou um movimento de empoderamento das próprias doulas. De que pera aí, não são os outros profissionais da humanização que vão dizer quem é a doula, nós precisamos agora nos organizar em associações, em federação e nós precisamos dizer quem somos, o que fazemos e nós precisamos falar por nós. Não é o outro que vai dizer que o nosso trabalho vai ser voluntário quando todo mundo aqui ganha e só o trabalho da doula vai ser voluntário, né? Então, foram muitas questões aí, foi entrando nesse processo também da associação que cada vez eu fui me vendo também mais desejosa de participar desse

trabalho no coletivo né, pras mulheres. Não só o cuidar delas individualmente quanto desse cuidado coletivo, né? Ai, Deb, eu gostaria de saber, assim, como é que você vê assim a profissão da doula hoje?

Débora: Sim, querida, legal tu perguntar sobre a antropologia, que eu tenho a sensação que as doulas e as antropólogas tem muito em comum, acho nós somos um pouco cafécom-leite da saúde, não é? [risos] É que as pessoas sabem que a gente tá ali, mas não tem certeza exatamente por quê. Né? Eu lembro muito bem quando a gente apresentou a pesquisa na CIES, né, que é esse centro de integração, né? Ensino e saúde, e serviço, ensino e saúde, né? Ela olhou pra gente com muita desconfiança, "O que que vocês antropólogas sabem de educação em saúde? Como assim? Por que que cês tão metendo o pé aqui?", né? Que é justamente esse lugar, né? Que eu acho que é um paralelo interessante com as doulas, né? Entre tantos profissionais com esse saber técnico e específico da saúde, né? Essa coisa intervencionista mesmo, né? "O que que a doula faz, né?' E é um pouco como olham pras antropólogas querendo pesquisar educação em saúde, né. "Que que antropóloga quer fazer aqui? Antropóloga não é médica, antropóloga não é enfermeira, antropóloga não faz procedimentos de saúde, né?." É, que muitas vezes a gente mede, né? A qualidade, a possibilidade da atuação em saúde por esse bisturi na mão, né? A gente não tem o bisturi na mão, né? A doula também não tem, né? Então acho que a gente se une nisso, né? A gente não quer ter o bisturi, a gente não quer tá com ele na mão. E, assim, eu acho que a gente tem muito a contribuir, tanto as doulas como as antropólogas e especialmente doulas e antropólogas feministas, né? Eu acho que tu já marcou bem na tua fala a importância de não só ser doula e ter um olhar pra humanização, mas ser doula e ser feminista e ter um olhar pras políticas públicas, né? Eu acho que da mesma maneira a antropologia quando ela é engajada, quando ela é feminista, quando ela tá pensando políticas públicas, ela é muito mais rica, né? Então, a gente tá metido ali assim meio que as pessoas sem saber o que que a gente faz e o porquê que a gente tá ali, né? Mas a gente tem um lugar muito importante pra cavar naquele mato, né, usando a tua metáfora, né, ocupar esse lugar, né? E trazer a nossa perspectiva pra rede, né, pro debate, né?

Daniela: E Débora e a Rosiane estão juntas num projeto que se chama "Desafios e estratégias para educação permanente na saúde materno-infantil em Alagoas". Esse projeto aprende das experiências que as duas têm com os próprios partos e com as suas atuações como pesquisadoras sobre a parturição. Além disso, elas estão pensando juntas a produção de um podcast de educação continuada em saúde.

Débora: Mas no Brasil 98% dos partos acontecem em ambiente hospitalar. É, e acontecer em ambiente hospitalar significa que você vai estar exposta às rotinas, às práticas que costumam ser muito desrespeitosas, né? E pouco acolhedoras aos desejos e a autonomia da mulher. Aí tudo isso expõe as mulheres a violência obstétrica e outras formas de violência, né? Então a gente construiu esse projeto, baseado nesse, no desejo de compreender né? Os desafios dos serviços de saúde e pensar formas de trazer alguma capacitação pra os profissionais que estão atuando nesse cenário.

Rosiane: Eu acompanhei partos violentos, óbvio, né? Não é porque a doula tá ali que a doula vai ser a salvadora e que não vai haver violência obstétrica. Acompanhei partos violentíssimos que tanto pra mim quanto pras outras doulas fizeram a gente pensar e

repensar muitas vezes se a gente queria mesmo continuar ali, se a gente conseguia, se o nosso emocional conseguia continuar ali. Mas ao mesmo tempo acompanhei partos em que eu saía chorando e pensava "poxa essa mulher teve a mesma dignidade, o mesmo cuidado, o mesmo tratamento que eu tive no meu parto domiciliar", sabe? Essa mulher foi muito bem cuidada aqui. Então a gente vivia assim os dois extremos, né. Tanto profissionais violentos quanto profissionais mais acolhedores.

Débora: E eu acho que existe muito sucesso nessas possibilidades assim de realmente valorizar esse **modelo de cuidado** que tem trazido bons resultados e que pode ser ampliado. Então, esse olhar que a gente tem falado, né, de quem vê uma violência acontecendo, mas que pode pautar uma política pública e pode apontar e pode trazer essa outra expertise, né? Da mesma forma que você falou da doula, né, trazendo esse suporte emocional, essa atenção integral, esse desejo de respeitar a autonomia da mulher, né? Que é um princípio que tá em todas as diretrizes de parto, que deveria ser uma preocupação de todos os profissionais, mas acaba sendo preocupação das doulas, né?

Rosiane: Então, acabava que as nossas amizades com aquelas pessoas que conseguiam se conectar mais com a gente nos plantões acabavam que eram profissionais que também iam se lapidando né? Que também iam estudando mais, que também iam percebendo e mudando práticas.

Débora: E como que a gente pode pensar essa formação a partir desse modelo de cuidado é algo que eu acredito que a gente tem muito a aprender com as doulas, com as parteiras porque é justamente isso que tá fazendo a diferença, né?

Rosiane: Estar juntas as seis ali, né, fazia com que a gente continuasse vivendo um pouco dessa comunhão de mulheres, né, pra que a gente sempre continuasse mesmo com o trabalho de formiguinha, a sensação ainda é essa, com as doulas que estão lá, do trabalho de formiguinha.

[Transição musical]

É hora, agora

Fechamento

Soraya: Sabe, Dani, eu fiquei muito impressionada com a ADOAL. A Associação tem sido um ator muito importante na profissionalização das doulas. É uma das poucas experiências que a gente tem no Brasil de doulas sendo profissionais concursadas, contratadas e efetivas do serviço de saúde. É um super exemplo pro país como um todo.

Daniela: É, e com uma presença oficial de mais profissionais da saúde na cena do parto, que é super importante. A Débora lembrou como não apenas essas profissionais da saúde, mas também das Ciências Humanas, como a Antropologia, podem contribuir nesse cenário de hospital, trazendo avaliações e resultados de pesquisa ligados aos serviços, a gestão do hospital, a avaliação das pessoas, com relação a esses serviços. Então tem uma contribuição que pode ser trazida.

Soraya: No dia a dia de trabalho, a Rosiane lembrou como as doulas foram importantes pra acolher mulheres parturientes em plena pandemia de covid. E a gente sabe como o vírus atingiu em cheio as mulheres grávidas no Brasil. E, tristemente, a mortalidade materna foi muito mais alta por aqui durante a pandemia.

Daniela: Eu achei muito forte e interessante como a experiência pessoal de parto das duas é o que tem motivado a militância científica delas, né. Então, o feminismo é uma orientação central pra elas e se torna central pra pesquisa, pro ensino, pra própria parceria entre elas a partir de uma indignação de vivenciar uma violência obstétrica, ou de testemunhar uma violência obstétrica com uma outra mulher, que faz com que elas desejem que nenhuma outra mulher tenha que passar por isso ao parir a sua filha ou o seu filho.

Soraya: Sim, e as doulas não acompanham apenas o parto, mas há também doulas de transição de gênero, do processo de morrer, e tal. Foi muito inspirador conversar com Rosiane e Débora e também com as suas filhotas, a Sara e a Olivia. Agradecemos a todas elas pela disponibilidade de gravar em tantos momentos e tantos lugares e também ao Felipe Maureira, esposo da Débora, que nos acompanhou na gravação com a Olivia, enquanto a Débora tava super mobilizada como Coordenação geral do X Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade, que aconteceu naquela mesma semana em Maceió. Somos gratas a Camila Anselmo, Clarissa Reche, Fernanda Mariath, Irene do Planalto e Sabrina Neves, todas do Mundaréu. Mais informações sobre as autoras mencionadas neste episódio, você encontra na página: https://mundareu.labjor.unicamp.br/ A música dessa temporada é "Já foi", da cantora Janine Mathias. E toda a edição e a produção musical é do Nicholas Martins, da nossa equipe da Unicamp. Bom, aqui no finalzinho eu vou deixar uma dica: Neste mês de novembro, o Ramon Reis, que é um colega muito querido, antropólogo lá do Pará, tá lançando uma nova temporada do "Compósitas", esse é um podcast com sotaque nortista para falar de ciência na Amazônia, enfatizando questões sobre cidadania, identidade, diferença e diversidade. A nova temporada foi feita por alunos e alunas do ensino médio técnico integrado do IFPA, Instituto Federal do Pará. E você pode encontrar os episódios na https://radiokerekere.wordpress.com/ Kere-kere com "k".

Daniela: O Mundaréu integra a Rádio Kere-kere de podcasts de Antropologia e recebe o apoio da FAPESP, da Unicamp, da FAP-DF, do CNPq e da UnB. A gente se ouve no próximo episódio! Sempre na primeira semana do mês. Até lá!

Música de fechamento: "Já foi", de Janine Mathias. A voz feminina canta:

Laialaia, já foi. Laialaia, já foi. Vamos brincar Já foi

Irene: Cê quer gravar alguma coisa? Ou tá bom já?

Olivia: Tá bom.

Irene: Então tá. Pode tirar isso?

Olivia: Sim.

Fernanda: Como é, você gostou de ser podcaster por um dia?

Olivia: Sim.

Fernanda: De gravar?

Irene: Depois a gente vai te mostrar tudo que a gente gravou, tá bom?